

AS ORAÇÕES

SANTA CATARINA DE SENA



Coleção CLÁSSICOS DO CRISTIANISMO

1. *História de uma alma*, Santa Teresinha
2. *Cartas completas*, Santa Catarina de Sena
3. *Obras completas*, Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face
4. *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem Maria*,
São Luís Maria Grignon de Montfort
5. *Revelações do amor divino*, Juliana De Norwich
6. *Diário*, Santa Gemma Galgani
- 7/1. *Sermões: do Primeiro Domingo do Advento à Sexta-feira Santa (vol. 1)*,
São João Maria Vianney, o Cura d'Ars
- 8/1. *Castelo interior ou moradas*, Santa Teresa de Jesus
- 8/2. *Livro da vida*, Santa Teresa de Jesus
- 8/3. *Caminho de perfeição*, Santa Teresa de Jesus
9. *As orações*, Santa Catarina de Sena
10. *Obras completas*, São Luís Maria Grignon de Montfort
11. *O diálogo*, Santa Catarina de Sena



**SANTA CATARINA
DE SENA**

As orações

Título original:
Le orazioni

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Catarina de Sena, Santa, 1347-1380

As orações / Santa Catarina de Sena [tradução de Frei João Alves Basílio]. — 2. ed. — São Paulo: Paulus, 2020. — Coleção Clássicos de Cristianismo.

ISBN 978-65-5562-130-3

Título original: *Le orazioni*

1. Catarina, de Sena, Santa, 1347-1380 - Orações e devoções I. Título II. Basílio, João Alves

20-4062

CDD 242
CDU 243

Índice para catálogo sistemático:
1. Santa Catarina de Sena: Orações

Direção editorial: *Pe. Sílvio Ribas*
Tradução: *Frei João Alves Basílio, OP*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Preparação do original: *Tatianne Francisquetti*
Capa: *Karine Pereira dos Santos*
Diagramação: *Leidson de Farias Barros*
Impressão e acabamento: PAULUS

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Teleendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11



2ª edição, 2021

© PAULUS – 2021

Rua Francisco Cruz, 229 · 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel. (11) 5087-3700
paulus.com.br · editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-130-3

APRESENTAÇÃO

Pela primeira vez, publica-se no Brasil *As orações*, obra ditada por Santa Catarina de Sena, doutora da Igreja (1347-1380).

Catarina foi uma leiga dominicana italiana cuja ação evangelizadora fortemente marcou, questionou e orientou a vida da Igreja de sua época. Humilde mulher do povo, iletrada, dotada de privilegiada inteligência intuitiva, mística de profunda espiritualidade teológica, deixou 381 cartas e os livros *Diálogo da divina providência* e *As orações*.

As orações é a sua mais breve e também última composição, mas talvez a mais sublime, pela grandeza do pensamento teológico.

Neste momento histórico, caracterizado pela busca e redescoberta do valor da oração, esta obra catariniana certamente será muito valiosa para motivar e alimentar uma autêntica vida de oração pessoal e comunitária, de forte e amorosa tônica eclesial.

Frei Lourenço M. Papin, OP

PREFÁCIO DO TRADUTOR

“Se morro, morro de paixão pela Igreja.”

Santa Catarina de Sena

A Paulus Editora publicou, em 1984, a principal obra literária de Santa Catarina de Sena, *O diálogo*. O presente volume quer colocar à disposição do leitor brasileiro suas *Orações*, que constituem uma das joias do italiano arcaico. A autora dessas belíssimas orações, declarada doutora da Igreja pelo papa Paulo VI, foi uma leiga dominicana, extraordinária mulher, reconhecida pelo seu esforço de reformar a Igreja no último quartel do século XIV e pelo seu misticismo encarnado nos problemas da sua época. Um dos seus discípulos, frei Bartolomeu Dominici, OP, assim nos conta a origem dessas orações:

Após a comunhão [...], de tal maneira a mente [de Catarina] se elevava em Deus, que logo perdia o uso dos sentidos [...]. Quase todos os dias, ela permanecia durante três ou mais horas completamente absorta e insensível. Muitas vezes, estando em êxtase e falando com Deus, ela proferia afervoradas e profundas preces em voz alta [...]. Tais orações, em grande parte, foram transcritas palavra por palavra. Um por mim, muitas por outras pessoas (*Processo Castellano, apud G. Cavallini, Le orazioni di S. Caterina da Siena*. Roma: Ed. Cateriniane, p. 12).

Ao traduzir as 26 orações que seguem, tomamos a liberdade de modificar seus títulos tradicionais, por serem por demais genéricos, e dispusemos as preces em sua ordem cronológica. Para que o leitor possa eventualmente

comparar com outras edições, elencamos aqui a correspondência dos números de cada oração. Os números arábicos referem-se a esta edição; os números romanos, às demais: 1-I; 2-II; 3-III; 4-XXIII; 5-XXIV; 6-XXV; 7-V; 8-VI; 9-XIX; 10-XX; 11-XXI; 12-XXII; 13-IV; 14-VII; 15-VIII; 16-IX; 17-X; 18-XI; 19-XII; 20-XIII; 21-XVII; 22-XVI; 23-XV; 24-XVIII; 25-XIV; 26-XXVI. Quanto aos títulos tradicionais das orações, colocá-los-emos, vez por vez, entre parênteses, no início de cada prece. A disposição cronológica, além de possibilitar um acompanhamento progressivo de alguns eventos históricos, permitirá ao leitor seguir o pensamento de Catarina e sua espiritualidade.

Catarina morreu em Roma, no dia 29 de abril de 1380. A primeira oração foi feita em 14 de agosto de 1276, e a última, em 30 de janeiro de 1380. Relendo essas preces, revivemos suas preocupações durante os cinco últimos anos de sua vida.

Para Catarina de Sena, a Igreja (hierarquia e leigos) desempenha neste mundo a mesma missão do Filho de Deus feito homem (Oração 1). Por isso, em tudo ela deve trilhar os caminhos de Jesus, na dor, na pobreza, na humildade e na mansidão (Or. 2). Mas, como no seio da Igreja existem “membros espiritualmente mortos”, é necessário que o papa, representante de Cristo, os reconquiste à maneira do Crucificado (Or. 3) e segundo o exemplo do apóstolo Paulo (Or. 4). Catarina eleva-se, pois, em ardente súplica à Trindade, em favor do mundo e da Igreja (Or. 5 e 6), dos cardeais recentemente eleitos (Or. 7) e, de modo especial, de Urbano VI (Or. 8). A reforma da Igreja exige que os cristãos vivam no amor mútuo, alimentem-se da Eucaristia e confiem na misericórdia de Deus (Or. 9 e 10). Pelo seu Espírito, Deus ilumina as almas, mas quer que os homens troquem suas vontades pela vontade divina (Or. 11); que cada pessoa aprenda a olhar a si mesma em Deus (Or. 12), que, por isso, se dignou descer até a poeira de nossa humanidade e viver a nossa vida (Or. 13).

Mesmo no céu, Jesus conserva as suas cicatrizes diante do Pai por nós, mas pede nossa colaboração mediante a penitência, a oração, a força de vontade e a fé (Or. 14). O próprio Pai nos quer compassivos e misericordiosos uns para com os outros (Or. 15). Se somos fracos, fortalece-nos o sangue de Jesus (Or. 16), pois Deus enxertou-se em nossa humanidade (Or. 17), quando se encarnou na Virgem Maria (Or. 18). Ao assumir o ideal do Crucificado (Or. 19), chegaremos aos profundos mistérios de Deus (Or. 20), compreenderemos que a falta de amor mútuo é um pecado contra a própria natureza (Or. 21), aprenderemos a julgar tudo no abismo do amor divino (Or. 22) e atingiremos a verdade (Or. 23); sem nos esquecermos de que é angustiante a existência de perseguidores do sangue de Cristo entre os próprios cristãos (Or. 24 e 25), pelos quais devemos agir junto de Deus, mesmo com a oferta da própria vida (Or. 26).

1

A MISSÃO DE CRISTO, DA IGREJA E DO PAPA

(I – A missão do Verbo)

1. Criação, queda e redenção do homem

Ó Deidade, Deidade, inefável Deidade!¹ Ó Bondade suprema! Unicamente por amor, fizeste-nos à tua imagem e semelhança. Ao criar o homem, não disseste “Faça-se”, como ocorrera com as demais criaturas, mas “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26), para que, Amor inefável, toda a Trindade concordasse. A memória é figura de ti, Pai eterno: como reténs e conservas todas as coisas, deste a memória ao homem, a fim de que ele retivesse e conservasse tudo aquilo que a inteligência vê, entende e conhece da tua bondade infinita; com isso, o homem participa da sabedoria do teu Filho unigênito. Deste ao homem a vontade, como figura da clemência do Espírito Santo; qual mão poderosa do teu amor, ela se ergue para apanhar tudo quanto a inteligência conhece do teu ser inefável. Assim, estando a vontade cheia do teu amor, o mesmo acontece com a memória. Gratidão, gratidão a ti, excelsa e eterna Deidade, pelo amor revelado ao concederes tal semelhança à alma: inteligência para conhecer, memória para reter e conservar, vontade para possuir-te acima de tudo.

¹ Esta oração foi recitada por Catarina em Avinhão, no dia 14 de agosto de 1376. Na ocasião, como embaixatriz de Florença, procurou obter do papa Gregório XI (1370-1378) o perdão para o interdito decretado contra aquela cidade. Também aconselhou ao papa que voltasse para Roma e procurou incentivar a realização de uma Cruzada para unir os príncipes cristãos da Europa.

Ó Bondade infinita, como é racional que, ao te conhecer, o homem te ame. Ame com um amor tão vigoroso, que demônio ou criatura alguma possa destruir, sem o consentimento da vontade. E envergonhe-se a pessoa que, conhecendo teu amor, não te ama.

Ó Deidade eterna, amor sem preço! Após cairmos no horror do pecado, quando nosso pai Adão, por maldade e fraqueza, te desobedeceu, tu, ó Pai, com amor e compaixão, olhaste para nós, míseros e infelizes, e enviaste o teu Filho unigênito, Palavra encarnada e revestida de nossa condição mortal.

E tu, Jesus, nosso Reconciliador, Restaurador e Redentor, te tornaste mediador, Palavra e amor. Da grande guerra que o homem mantinha contra o Pai, fizeste uma imensa paz. Puniste em teu corpo nossas maldades e a desobediência de Adão, fazendo-te obediente até a vergonhosa morte na cruz. Bondoso e amoroso Jesus! Com um único golpe, deste reparação à injúria feita ao Pai e ao nosso pecado, pois tomaste sobre ti a vingança da ofensa ao Pai.

Pequei, Senhor, tem compaixão de mim!

2. Louvores a Jesus Cristo e a Deus Pai

Para qualquer lado que me volte, só encontro um grande amor. Impossível achar desculpas para não amar, porque tu, Homem-Deus, me amaste antes que eu te amasse. Eu não existia, e me criaste. Em ti encontro tudo quanto desejo. Tudo encontro em ti, menos o pecado. Sendo uma privação, o pecado não existe em ti, nem é digno de ser amado. Se desejamos amar a Deus, em ti achamos a inefável Deidade; se queremos amar o homem, és o homem em que posso conhecer a pureza sem preço. Se desejo amar um senhor, és o Senhor e com teu sangue pagaste o preço da nossa escravidão ao pecado.

Ó Deus eterno, por tua bondade e imenso amor, és nosso Senhor, Pai e irmão. O Verbo, teu Filho, conhecendo e cumprindo tua vontade, quis derramar seu sangue no salutífero madeiro da cruz, em favor da nossa miséria.

Ó Deidade, és a suprema sabedoria, e eu, uma criatura ignorante e pobre; és a suprema e eterna bondade; eu sou a morte, tu, a vida; eu, as trevas, tu, a luz; eu, a tolice, tu, a sabedoria; tu, o infinito, eu, o finito; eu, a enferma, tu, o médico; eu, uma frágil pecadora, que jamais te amou; és a beleza puríssima, eu, uma sujíssima criatura. Por inefável amor, tu me fizeste sair de ti. Por gratuidade, sem nenhum merecimento, tu nos atraís sob a condição de que nos deixemos atrair, isto é, que nossa vontade não se oponha à tua.

Ai de mim! Pequei, Senhor, tem compaixão de mim!

3. Súplica pela Igreja, pelo papa, e oferta como vítima

Ó Bondade eterna, não olhes para as misérias, que culposamente cometemos, quando nossas almas se afastam de ti, que és o nosso fim. Eu te peço: por tua infinita misericórdia, olha com clemência e compaixão para a tua esposa (a Igreja). Ilumina o teu representante (o papa); que ele não te ame por causa de si, nem se ame por interesses pessoais. Que te ame por tua causa; por tua causa se ame. Pois, quando ele te ama e se ama por interesses pessoais, nós perecemos. Nele está a nossa vida. E também a nossa morte, quando não se preocupa em defender as ovelhas que perecem. Se teu representante amar a si mesmo e te amar por tua causa, viveremos. Do pastor recebemos o exemplo de vida.

Ó Deidade suprema e inefável! Pequei e não sou digna de orar diante de ti. Mas tu és poderoso para tornar-me digna. Senhor, meu Deus! Castiga, pois, os meus pecados e não leves

em consideração minha miséria. Possuo um corpo, que te dou e ofereço. Eis a carne, eis o sangue. Se for da tua vontade, sejam meus ossos dessangradados, destruídos e separados em prol daqueles pelos quais imploro. Tritura os ossos e sua medula em favor do teu representante, único esposo da tua Igreja. Por ela, peço que me escutes. Que teu representante leve em consideração tua vontade, que a ame, a cumpra, a fim de que não peçamos. Dá-lhe um coração novo, que continuamente cresça na graça. Um coração forte, capaz de empunhar o estandarte da cruz (na Cruzada), para fazer os infiéis (sarracenos) participarem dos frutos da Paixão e do sangue do teu Filho, Cordeiro sem mancha, Deidade altíssima e inefável.

Pequei, Senhor, tem compaixão de mim!

2

PELOS PASTORES DA IGREJA E PELOS DISCÍPULOS (II – Pelos ministros da Igreja)

1. Despojar-se da própria vontade

Ó Deidade, Deidade, eterna Deidade!¹ Confesso, não nego: tu és um oceano de paz, em que se alimenta e nutre a alma de quem em ti repousa pelo afeto e pelo amor, conformando a própria vontade com a tua altíssima e eterna vontade, que apenas deseja a nossa santificação (1Ts 4,3). Quem valoriza tal verdade despoja-se da sua vontade e reveste-se da tua. Ó Amor dulcíssimo, tal comportamento me parece constituir o sinal evidente dos que estão em ti: cumprem a tua vontade da maneira que tu queres, não do seu jeito. E a melhor prova de que alguém cumpre a tua vontade é esta: julga o próprio modo de viver, não o alheio; alegra-se não com os acontecimentos favoráveis, mas nas adversidades, considerando-as como enviadas por ti, somente por amor. Tal pessoa ama as contrariedades, como ama todas as criaturas, pois todas elas são boas e merecem amor. Unicamente o pecado não vem de ti e não pode ser amado. Todavia, eu, pobre infeliz, pequei amando o pecado.

Pequei, Senhor, tem compaixão de mim!

¹ Esta oração, feita no mesmo dia 14 de agosto de 1376, em Avinhão, parece uma simples continuação da primeira.